

RELATÓRIO – APPI

ACOMPANHAMENTO À IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE GENERALIZAÇÃO DO ENSINO DO INGLÊS NO 1º CICLO

- **Introdução**
- **Estratégia de Intervenção**
- **Instrumentos e procedimentos metodológicos**
 - **Observação de Aulas**
 - **Checklist**
 - **Mesa redonda**
- **Visitas realizadas**
- **Conclusões**
- **Sugestões para a melhoria da implementação do programa**

INTRODUÇÃO

Este Relatório resulta do Acompanhamento ao Programa de Generalização do Ensino do Inglês no 1º Ciclo que a APPI tem realizado, quer de uma forma directa através da observação de aulas e participação nas Mesas Redondas, levadas a cabo pelas representantes da APPI na COAP, quer através do feedback e relatórios que os professores "Peritos" da APPI nos têm feito chegar.

Assim, e apesar de este Relatório, se confinar até 31 de Dezembro de 2005, optámos por fazer um ponto de situação até ao momento, no que concerne às visitas de acompanhamento, já que até à data estipulada (31 de Dezembro) as mesmas não se tinham iniciado em todas as regiões do país (DREL e DREALentejo) e, ainda, porque o número de visitas efectuadas até então não garantiam uma amostragem significativa da realidade.

ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

As Visitas de Acompanhamento têm-se revelado uma estratégia de intervenção adequada, pertinente e eficaz, permitindo a validação dos processos de acompanhamento ao Programa de Generalização. Constata-se que a observação das aulas, o preenchimento da Checklist/entrevista com o professor de Inglês e a Mesa Redonda com todos os intervenientes no projecto se complementam e fornecem dados abrangentes e significativos para a avaliação do Programa.

Esta estratégia de intervenção permite o conhecimento de boas práticas, bem como a identificação de lacunas e constrangimentos.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Observação de aulas

A observação de aulas, seguida de uma pequena análise crítica e formativa, verificou-se imprescindível para a análise do contexto pedagógico. De facto, na generalidade das visitas, a observação

efectuada demonstra e indicia diversas dificuldades, das quais se destacam:

- Operacionalização das orientações programáticas numa perspectiva interdisciplinar e concorrente ao desenvolvimento de competências transversais;
- Insegurança na tomada de decisões pedagógicas e na elaboração de materiais;
- Projecto implementado sem atender a uma articulação curricular horizontal ou vertical;
- Inexistência, na maior parte dos casos, de contacto com a professora titular;
- Falta de integração do Inglês no projecto curricular da turma.

A acrescentar ao exposto, destaca-se ainda que, apesar de todos os docentes referirem terem conhecimento das Orientações Programáticas, muito poucos as têm presentes no seu trabalho. Das muitas aulas observadas, poucas foram aquelas em que foram utilizadas estratégias com recurso ao lúdico, a aula conduzida em língua inglesa, a preocupação com o desenvolvimento global do aluno e uma perspectiva de transversalidade. Geralmente, assistiu-se a aulas centradas na escrita, estratégias não muito criativas, exploração de listas de vocabulário, muitas vezes com apresentação da palavra escrita mesmo antes da sua apresentação oral. Nalguns casos, constatou-se a preocupação em fazer testes para avaliar/classificar, testes demasiado formais, baseados na sistematização gramatical. Não parece que tenha havido por parte dos docentes a assimilação das grandes linhas das Orientações Programáticas, ou até o conhecimento dos seus objectivos, preocupando-se muitas vezes "em preparar os alunos para o 2º ciclo".

- Checklist

Este instrumento de apoio foi aprovado em 30 de Novembro pela COAP, após a sua Pré-Testagem nas cinco DREs.

A APPI acompanhou o Pré-Teste na DREC e na DREL, não lhe sendo possível estar presente na DREAlgarve por imprevisto de última hora e na DREN e DREAlentejo por falta de comunicação atempada das respectivas Direcções Regionais.

A Checklist possibilitou coligir dados/resultados sobre a implementação do Programa, embora, e após a sua utilização frequente e sistemática, possamos já concluir que seria possível optimizá-la com algumas alterações, nomeadamente na parte referente ao processo pedagógico.

- Mesa Redonda

Como estratégia de intervenção, a Mesa Redonda foi e é um dos pontos fortes das visitas de Acompanhamento do Programa.

Verifica-se, na generalidade dos casos, a presença de todos os Intervenientes nesta reunião. É aqui que, frequentemente, todos os implicados no processo se reúnem pela primeira vez e debatem a implementação do Inglês nas "suas" escolas. É também através desta reunião que os professores/agrupamentos/entidades promotoras/pais constataam e corroboram a necessidade urgente de articulação curricular horizontal e vertical.

De salientar, nestas reuniões, a boa colaboração e as discussões abertas, quer por parte das escolas, quer por parte das entidades promotoras, resultando num compromisso assumido por todos em tentar superar as falhas detectadas.

Relativamente aos procedimentos metodológicos, estes têm variado nas diversas Direcções Regionais. Em muitos casos, a observação da aula e o preenchimento da Checklist precede sempre a Mesa Redonda, enquanto noutros a Mesa Redonda acontece primeiro. Este facto torna-se importante pois reflecte-se no tipo de intervenção e recomendações lançadas durante a Mesa Redonda. Quando esta é posterior à aula há já uma melhor percepção do modo como as coisas funcionam e torna-se mais profunda a discussão. No caso contrário, em que a Mesa Redonda acontece primeiro, fica-se muitas vezes com a sensação de que tudo é "perfeito", o que, regra geral, é desfeito no momento aula. Por este motivo, somos de opinião que a Mesa Redonda deverá ser sempre realizada após a observação da aula e do preenchimento da Checklist (à excepção do ponto 12).

VISITAS REALIZADAS

Enquanto APPI, e antes de analisarmos e concluirmos sobre a operacionalização do Acompanhamento no terreno, não podemos deixar de referir alguns constrangimentos internos de funcionamento que exigiram um esforço adicional da nossa parte e a boa vontade e disponibilidade dos professores peritos por nós sugeridos, que fizeram o seu trabalho com um profissionalismo inegável.

Não podemos deixar de referir algumas dificuldades acrescidas, sentidas pela APPI, ao processo de acompanhamento:

- a falta de informação atempada do agendamento das visitas por algumas Direcções Regionais, numa fase inicial do acompanhamento;
- a falta de comunicação oficial às Escolas de origem dos Peritos, informando os respectivos Conselhos Executivos que aqueles se encontravam em serviço externo;
- a desarticulação de informação/procedimentos relativamente ao pagamento das deslocações dos Peritos.

Sublinhamos que todos os Professores Peritos estiveram presentes nas Visitas de Acompanhamento, muitas das vezes, confiando apenas na nossa palavra e faltando às suas aulas, sem qualquer garantia oficial para a justificação da sua falta ou para o pagamento das suas deslocações.

A APPI esteve presente em todas as Visitas de Acompanhamento agendadas após 30 de Novembro de 2005 (data de validação/aprovação da Checklist), não estando presente apenas nas que se realizaram antes desta data (4 na DREN e 1 na DREC), não só pela não validação já referida, como também pela comunicação tardia do agendamento, o que não permitiu a nossa presença.

Assim, até 31 de Dezembro de 2005, e relativamente às regiões do Norte, Centro e Algarve, foram realizadas pela APPI 25 (6+17+2) Visitas de Acompanhamento a nível nacional. De ressaltar que as

regiões do Alentejo e de Lisboa não efectuaram Visitas antes de Janeiro e Fevereiro, respectivamente.

Após 31 de Dezembro de 2005, e porque o *feedback* obtido até ao momento é importante para a consistência do balanço nacional aqui apresentado, conforme anteriormente referido, a APPI esteve presente em todas as visitas já efectuadas, de 3 de Janeiro a 16 de Fevereiro de 2006 (20 Visitas) e garante as já agendadas, totalizando 69 Visitas de Acompanhamento a nível nacional.

CONCLUSÕES

Decorrente deste Acompanhamento directo, tecemos algumas considerações/conclusões sobre a implementação do Programa de Generalização do Ensino do Inglês no 1º Ciclo:

Como pontos fortes destacamos:

- a motivação dos alunos para a aprendizagem da Língua Inglesa;
- algumas boas práticas já identificadas e relacionadas com o desenvolvimento de um projecto integrado e assumido por todos os intervenientes;
- o posicionamento da generalidade dos Pais/Encarregados de Educação perante a implementação, apoiando positivamente a iniciativa, considerando unanimemente que o Inglês deveria ser curricular e reforçando a importância da sua aprendizagem desde o início do 1º ciclo.

Como pontos fracos salientamos:

- A forma de recrutamento dos professores de Inglês: verifica-se que, nalguns casos, há falta de rigor no cumprimento do estipulado nos pontos 1 e 2 do Artº 11 do Despacho nº 14 753/2005;

- A deficiente verificação das habilitações destes mesmos professores; deverá haver uma co-responsabilização da Entidade Promotora e do Agrupamento;
- A discrepância de pagamento aos professores; é necessário estabelecer referenciais de pagamento/hora;
- A posição de algumas (ou muitas) Escolas de Línguas enquanto Entidades Promotoras: é notório que, em muitos casos, visam o lucro e a divulgação e publicidade da própria empresa (temos como exemplo, a utilização de Manuais da própria escola com logotipos enormes em todas as páginas);
- A falta de formação de professores para este nível etário; há, por parte de muitas Entidades Promotoras falta de apoio e acompanhamento pedagógico aos professores que recrutou;
- A não existência, na generalidade dos casos, de articulação curricular de ciclo, bem como a inexistência de articulação entre os diferentes ciclos;
- A organização dos horários num único bloco de 90m (e até de 135m!);
- Os constrangimentos dos horários de funcionamento do Inglês. Como exemplo frequentemente apontado, no caso dos horários em regime de desdobramento, os Encarregados de Educação não têm quem leve os seus educandos à escola e, no caso dos horários em regime normal, o horário tardio do Inglês, verificando-se, em muitos casos, o início das aulas às 17.00h, numa altura em que os alunos já estão cansados e com pouco rendimento intelectual;
- Os problemas com o transporte dos alunos, transporte esse que está contemplado na verba atribuída a cada aluno;
- O pagamento dos manuais pelos alunos;
- A escolha de manuais pelo seu preço baixo e não pela qualidade dos mesmos.

SUGESTÕES PARA A MELHORIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA

De todo o conhecimento adquirido, com base nas boas práticas que conhecemos e nas lacunas e insuficiências verificadas na implementação do Programa, fazemos as seguintes sugestões na perspectiva de que elas possam contribuir para o enriquecimento do Programa e para uma implementação mais eficaz num futuro próximo.

1. Papel do Agrupamento

O Agrupamento deverá ser o primeiro responsável pelo Programa, empenhando-se, de modo inequívoco, no desenvolvimento do mesmo e promovendo:

- formas de articulação entre o professor generalista e especialista;
- formas de coordenação entre todos os professores de Inglês do 1º Ciclo do agrupamento;
- formas de articulação e apoio entre os professores de inglês dos diferentes graus de ensino do agrupamento.

2. Papel do professor titular

Consideramos fundamental que o professor titular seja mais implicado em todo o processo, o que, verificamos, nem sempre acontece. Assim, deverá competir a este interveniente:

- a sensibilização dos encarregados de educação para a importância da aprendizagem da língua estrangeira;
- o trabalho prévio de natureza pedagógica com os docentes de Inglês, no sentido de os informar de todas as questões pertinentes relativas aos alunos (contexto familiar; necessidades educativas especiais; estilos de aprendizagem; relação pedagógica A/A e P/A;...);
- o trabalho prévio de natureza organizacional com os docentes de Inglês (rotinas a que os alunos estão habituados; métodos de trabalho; organização da sala de aula;....);

- a co-responsabilização na articulação dos conteúdos de Inglês com outras áreas curriculares;
- o controle da assiduidade dos alunos;
- a ligação entre os pais e o professor de Inglês, nomeadamente ao nível das informações sobre a avaliação.

3. O professor de Inglês

Relativamente ao professor de Inglês, julgamos importante que lhe sejam dadas orientações no sentido de:

- regular a sua actividade de acordo com as Orientações Programáticas;
- fazer o registo das actividades que realiza, de preferência com os alunos (por exemplo, no final da aula, ou da semana, ou da unidade, um registo que permita reflectir sobre as aprendizagens realizadas e, aos encarregados de educação, acompanhar a actividade desenvolvida);
- construir/adoptar instrumentos de avaliação das diferentes componentes de língua e das competências transversais;
- dar conhecimento dos resultados da avaliação ao professor titular e aos encarregados de educação.

4. Funcionamento

- O Inglês deveria ser incluído no currículo do 1º ciclo, fazendo parte do horário normal do aluno; sendo facultativo implica:
 - maior distanciamento entre o professor generalista e o especialista;
 - maior dificuldade na integração dos conteúdos das várias áreas;
 - horário em prolongamento, o que, na maior parte dos casos, obriga a aulas de Inglês ao final da tarde;
 - maior dificuldade na gestão do programa de Inglês do 2º Ciclo.
- É imprescindível que se reveja a formação de turmas de Inglês. A manter-se a situação actual (ponto 2 do Artº 12º, do Despacho nº 14 753/2005), em que alunos de 3º e 4º anos

têm aulas juntos, no próximo ano teremos numa mesma turma alunos com e sem aprendizagem prévia de Inglês.

- A carga horária não deveria ser concentrada em blocos de 90 minutos, mas distribuída por sessões de 45 minutos.
- Enquanto o Inglês for opcional, deveria haver uma forma de registo no processo do aluno que certificasse a sua frequência de inglês.

5. Recrutamento de professores

- É fundamental a co-responsabilização do Agrupamento no recrutamento e verificação das habilitações académicas e profissionais dos professores, para que se verifique um maior rigor na contratação dos mesmos.
- Deverá ser acrescentado ao ponto 2 do Artº 11º do Despacho nº 14 753/2005, a formação pedagógica do professor, à semelhança da que foi incluída na alteração introduzida, posteriormente, ao ponto 3, através do Despacho nº 21 440/2005.
- É necessário que o ME proceda a uma definição clara do enquadramento profissional dos professores de Inglês no 1º Ciclo, de modo a permitir a estabilidade de um grupo de docentes que, gradualmente, irá adquirindo experiência e formação nesta área muito específica. De outro modo, poder-se-á perder todo o trabalho de formação e apoio facultados ao longo de um ano, dado que, no ano seguinte, os docentes não têm garantias de continuidade.

16 de Fevereiro de 2006

Cristina Bastos e Isabel Brites

APPI – Associação Portuguesa de Professores de Inglês